



jovens familiares produzindo no cariri

CONHEÇA A EXPERIÊNCIA AGROECOLÓGICA NA COMUNIDADE DE CATOLÉ, EM MILAGRES,
ESCRITA PELAS PRÓPRIAS MORADORAS

A TRAJETÓRIA DE TRÊS FEIRANTES DO PROJETO: DESDE AS DIFICULDADES, O INÍCIO
DA FEIRA, ATÉ A MESA DE CASA DOS CONSUMIDORES



Este é o primeiro boletim de experiências, do projeto Jovens Familiares Produzindo no Cariri, patrocinado pela Petrobras. A Associação Cristã de Base (ACB), executa, desde janeiro do ano passado, o projeto em quatro municípios da região do Cariri: Crato, Milagres, Nova Olinda e Santana do Cariri. Este produto irá trazer algumas experiências bem-sucedidas de agricultores e agricultoras beneficiados pelo nosso trabalho.

Neste primeiro boletim de experiência, tivemos a excelente contribuição de Cicera Hiarly, Alexandra, Tereza Halana e Jordânia, moradoras da comunidade de Catolé, em Milagres. As quatro foram à campo e produziram uma matéria sobre a implementação do sistema de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (PAIS), implementado em sua comunidade. A atividade fez parte do exercício “Repórter por um dia”, do Comitê de Entidades no Combate à Fome e pela Vida (CEOP).

Além disso, temos uma reportagem sobre três agricultores beneficiados com nosso projeto, que, também, participam da Feira Agroecológica de Crato, de frente à nossa sede da ACB.

Boa leitura.

Expediente:

Coordenadora Geral: Socorro Silva,

Coordenadora Pedagógica: Aparecida Oliveira;

Auxiliar Administrativo: Nelzilane Oliveira,

Técnicos de Campos: Ery Claudio, Evandro Vasconcelos;

Comunicador: Antonio Rodrigues.

Estagiário: Janio Mayk

Fotos: Acervo ACB, Hiarly, Alexandria, Halana e Jornânia.

Textos: Antonio Rodrigues, Janio Mayk, Hiarly, Alexandria, Halana e Jornânia.

03

REPÓRTER POR UM DIA: SUCESSO DO SISTEMA PAIS NO CATOLÉ



05

DO CAMPO PARA NOSSA MESA: FEIRANTES FORTALECIDOS COM O PAIS



PROJETO DE INCENTIVO PARA AGRICULTORES DA COMUNIDADE CATOLÉ

“REPÓRTERES POR UM DIA”. EQUIPE DE MULHERES MOSTRANDO O SUCESSO DO AGRICULTOR ZÉ ABÍLIO, DE MILAGRES, COM O SISTEMA PAIS

Por: Cicera Hiarly, Alexandra, Halana e Jordânia.

A comunidade de Catolé recebeu um grande incentivo da ACB (Associação Cristã de Base), que proporcionou às comunidades a oportunidade de diversificar e intensificar a produção agrícola com base nos meios agroecológicos, através do projeto: “Jovens familiares produzindo no Cariri”, patrocinado pela Petrobras, com o apoio do governo federal.

A comunidade de Catolé já se encontra com o primeiro sistema de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (PAIS), em pleno funcionamento, na casa do Senhor José Abílio, agricultor da comunidade, que diz estar muito feliz com a conquista: “Achei muito bom, tanto para minha família como também para comunidade, estou muito satisfeito e agradecido.”



José em seu sistema pais onde cultiva uma produção diversificada.

Esse sistema foi construído com a mão-de-obra da própria comunidade, através de um trabalho voluntário, que foi concluído em, aproximadamente, três dias e meio. Era contrapartida da comunidade construir o sistema pioneiro, realizando todas as etapas: o galinheiro, o local dos canteiros e a área de pastejo assim como montar o kit de irrigação por gotejamento. Houve uma intensa participação de todos e o resultado foi excelente.

Esse tipo de iniciativa é muito importante para quem convive com o semiárido e conhece bem os problemas da seca na região.



Hoje, na propriedade do senhor José está sendo produzido na horta: alface, coentro, pepino, pimentão, cebolinha, quiabo, abobrinha, hortelã, malva do reino, cenoura, abacaxi, mamão, batata doce e colorado, além de plantas nativas como ypê e imburana de cheiro. É importante salientar que todos esses produtos são isentos de agrotóxicos.

A esposa do senhor José, Maria Agda relatou a importância do projeto e como o mesmo trouxe autonomia e qualidade de vida à todos: “Considero que foi muito bom o projeto, aumentou nossa renda e melhorou a qualidade de nossa alimentação, pois consumimos produtos orgânicos.”



FEIRA AGROECOLÓGICA: CONHEÇA TRÊS AGRICULTORES BENEFICIADOS PELO PROJETO

DONA ANA, MARIA E BIBI. OS TRÊS ESTÃO JUNTOS NA FEIRA, MÁ, PELO
MENOS, CINCO ANOS. O SISTEMA PAIS FORTALECEU SUAS PRODUÇÕES



Assim que monta sua barraca, Dona Ana já recebe os clientes.

Na sexta-feira, a partir das três horas da madrugada, dona Maria Agostinho e dona Ana da Silva, já preparam suas mercadorias para trazer até a Feira Agroecológica, da Associação Cristã de Base (ACB). O “carro de linha”, como, também, é chamado os veículos que fazem serviço de transporte alternativo, vai buscá-las, às quatro da manhã, no Assentamento 10 de Abril, em Crato. Tudo para que estejam de pé, com seus produtos verdinhos, à espera dos clientes, às cinco da manhã, horário que começa a feira.

Ana e Maria, também dividem o espaço com cerca de vinte feirantes. Todos agricultores e agricultoras familiares. Um deles é Valdomiro do Santos, conhecido como Bibi, que sai às quatro da manhã da comunidade de Lírio, em Santana do Cariri. Bibi transporta seus produtos em seu carro, adquirido através da agricultura e das vendas na feira. Estes três feirantes, também, foram beneficiados com a instalação do sistema de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (PAIS), através do projeto Jovens Familiares Produzindo no Cariri.

A roça de dona Ana da Silva era o seu único sustento. No começo da feira, Maria Agostinho e ela pegavam os carros de linha, chegavam sete horas, mas os clientes já tinham indo embora. “Aí eu fui me acostumando. Arrumei um carro para me buscar quatro horas da manhã. Porque a feira aqui é cinco horas”, conta dona Ana. As duas feirantes, hoje, já se acos-



A barraca de Maria é uma das mais procuradas.

tumaram a rotina, para que toda sexta-feira estejam sempre pontuais para receberem seus clientes. “Se eu me acordar uma hora, tiver um balanço, eu não durmo mais. Um três horas é para estar com as coisas já arrumada. Um três e meia sai. O carro vem naquela rotina de pegar um passageiro aqui, outro lá. Como é só três pessoas, não tem como a gente pagar um carro de frete. Mas é o mesmo motorista, desde o começo”, completa Maria.

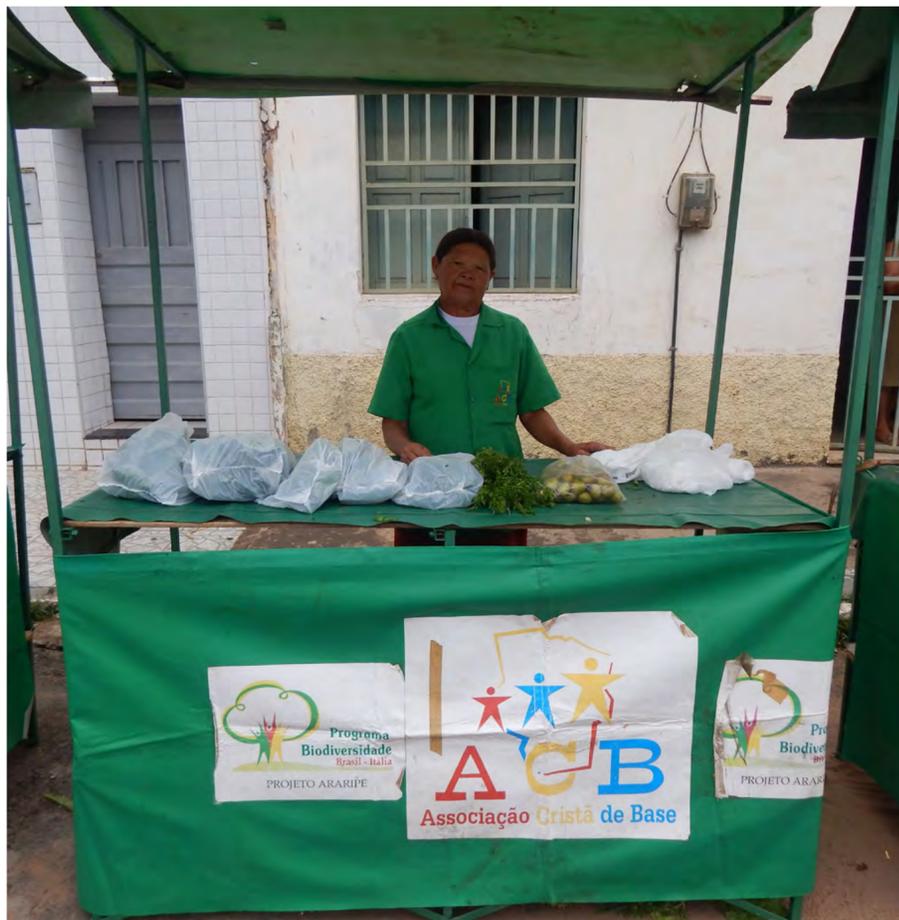


Bibi, agricultor de Santana do Cariri,

Bibi foi outro feirante que mudou sua rotina para se adaptar ao horário da Feira. Antigamente, assim como Maria e Ana, vinha de carro de linha junto com suas filhas, Larissa e Laís. Com o crescimento da feira e a compra do automóvel, conseguiu melhorar sua renda. Os restaurantes locais são alguns dos clientes de Bibi. Oito horas, por exemplo, todos seus produtos já tinham sido comercializados.

Mas nem sempre toda produção é vendida. Quando um produto não se estraga, Maria traz na outra semana e consegue vender. Já os produtos mais perecíveis, ela leva para casa e consome com a família ou alimenta os pequenos animais. “Mas também não é prejuízo, não. A gente não comprou. A gente mesmo produziu. Bota para os animais comer, as galinhas ou a gente mesmo come”, afirma Maria Agostinho.

A Feira Agroecológica funciona desde 2003, de frente à sede da ACB, na rua dos Cariris, próximo ao canal do Rio Granjeiro. A iniciativa da feira, segundo dona Maria e dona Ana, surgiu antes mesmo da sua criação. “Podemos dizer que começamos em 1991. Os nossos fregueses eram os funcionários da ACB. Era eu, dona Ana, que trazíamos num balainho nossas verduras. Nossos clientes era Batista, Cida, Socorro e chamava os



amigos, os colegas”, recorda Maria Agostinho. A ideia da feira foi amadurecendo, até ser criada 13 anos depois. No início, haviam apenas duas a três banquinhas que, com ajuda da ACB, eram divulgadas através de carro de som. Além disso, a instituição fornecia algumas sementes e ajudava na orientação do plantio. Os feirantes foram crescendo, assim como os clientes, fundamentais para o atual funcionamento.

No início da Feira, dona Ana trazia, apenas, as galinhas, o coentro e o tomatinho. Já dona Maria, comercializava banana, cheiro verde e abobrinha. Aos poucos, os clientes ajudavam os feirantes, sugerindo alguns produtos que gostariam de ter na mesa de casa. “A gente vendia pouco, porque não tinha experiência. Através da ven-

da, o povo foi dizendo o que queria. A gente adquiria as sementes e foi plantando. Aí foi aumentado”, lembra Ana. Através das dicas dos clientes, Ana e Maria foram conhecendo alguns legumes e verduras, como espinafre, salsinha, rúcula, que eram possíveis ser plantados na sua região.

A partir das indicações dos clientes, hoje, Ana e Maria, comercializam uma grande variedade de legumes e verduras. Dependendo da época do ano e das chuvas, a variedade aumenta ou diminui, mas sempre costumam ter: rúcula, couve, cebolinha, alho poró, banana, galinha, ovo, colorau, batata, cheiro verde, alface, quiabo, maxixe, pimenta, goiaba, jerimum, abobrinha, pimentão, salsinha e amendoim. Já o fubá de milho, milho verde, feijão verde, beterraba, cenoura, macaxeira e, até mesmo, o mel, são vendidos, em determinado períodos, pelas duas feirantes.

Valdomiro dos Santos, o Bibi, foi um desses agricultores atraídos pelo crescimento da feira. Há cinco anos ele é feirante. No início, vendia apenas merenda: café, bolo e tapioca. Hoje, sua produção cresceu e tudo que sobra do consumo da sua família é trazido para a Feira Agroecológica. Tudo é vendido. Goma de mandioca, farinha e abacaxi são seus principais produtos.

Além de venderem na Feira Agroecológica, os três agricultores costumam comercializar nas suas comunidades. O impacto com as vendas da produção é significativo no bolso dos feirantes. Bibi, por exemplo, conseguiu comprar um carro para transportar seus produtos, através da agricultura. “A contribuição foi demais, mudou mui-



to. Em tudo. Por mês, contribui uns 30% nessa feira, no mês. Lá (no Lírio) a gente vende, também, todo dia. Lá nós vendemos diversas coisas da horta. Verdura, alface, pimentão, coentro, tomate”, conta o Bibi. Já as agricultoras do Assentamento 10 de Abril, Maria e Ana, acreditam que, somente na Feira, mensalmente, conseguem atingir o valor de salário mínimo. Depende sempre de quanto produzem.

Com a chegada do sistema de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (PAIS), através do projeto Jovens Familiares Produz-

indo no Cariri, Bibi, por exemplo, chegou a criar um novo ritmo de produção, com as orientações dos técnicos de campo da ACB. “A gente aumentou batata, macaxeira, feijão, milho. Aumentou diversas plantas. Cada dia que vai passando a gente planta em um canteiro, já coloca outro cultivo. Vai revezando. Tira um, coloca outro”, explica Bibi. Lá, foi o primeiro PAIS implementado em Santana do Cariri, no mês de janeiro do ano passado. Junto ao sistema, veio a criação de galinhas-caipira, que hoje são mais de 100 aves. Além da alimentação familiar, os animais geram ovos, que são comercializados por Bibi.



Cisterna Chapéu de Padre Cícero, já sendo concluída, no Assentamento 10 de Abril

Já no Assentamento 10 de Abril, o primeiro PAIS chegou para a família de Dona Ana, em julho, do ano passado. Lá, aconteceu o curso prático da instalação do sistema, que contou com a participação de muitos moradores da comunidade. Porém, ainda em 2014, no mês de agosto, as obras do Cinturão das Águas do Ceará (CAC), projeto do Governo do Estado do Ceará, chegaram na comunidade.

No seu trajeto, estava o sistema PAIS de dona Ana e sua família. No local, encontra-se as demarcações do canal da obra, onde antes havia as hortas e fruteiras.

O impacto da obra, na comunidade do 10 de Abril, não foi apenas

na produção de dona Ana. A mandala, uma barragem subterrânea e o açude, construído pelos próprios moradores, são alguns dos exemplos de tecnologias sociais atingidas pelo canal do Cinturão das Águas.

“O que a máquina não passou por cima, está abandonado. A gente não pode trabalhar lá”

“Pegou nossa manga, banana, goiaba. Mesmo que não use a terra todas, eles passam uma cerca. Depois que colocar a cerca, ninguém

entra”, conta dona Ana.

Além disso, o abastecimento hídrico da família da feirante foi comprometido. A água, em que Ana utilizava para irrigar, era trazida através do açude, descendo em gravidade. “Agora estou trabalhando com a água de cacimbão, puxado de uma bomba. Tiraram o material que puxava água do açude porque passa as máquinas. O que a máquina não passou por cima, está abandonado e a gente não pode trabalhar lá”, acrescenta a agricultora. Desde a chegada da obra, a produção de hortas diminuiu, já que a água do cacimbão é dividida entre o abastecimento de sua família, irrigação das plantas e para matar a sede dos animais.

“Se eu te disser que ainda tenho esperança de trabalhar com essa água? Eu tenho.”

A partir deste problema de abastecimento de água, o projeto “Jovens Familiares Produzindo no Cariri” beneficiou as famílias de Ana e Maria com duas cisternas, com capacidade de armazenar 52 mil litros. A construção já está em fase de conclusão. Por outro lado, o Assentamento 10 de Abril, que será dividida com o canal do Cinturão das Águas, luta para que algumas passarelas sejam construídas, para que os moradores continuem tendo acesso às suas roças e, também, ao outro açude que abastece a comunidade. “Depois é que a gente vai saber contar essa história. Porque, até agora, eu acho que é enganação. Disseram ‘Vai ter passagem, vai ter como vocês buscarem essa água do açude’”, desconfia, dona Maria Agostinho.

Quanto ao Cinturão das Águas, o Assentamento 10 de Abril está dividida. Alguns acreditam que serão beneficiados com a água que passará pelo canal, já outros, desconfiam de que não terão acesso a este recurso. “Até o povo que está trabalhando não tem fé dessa água vir pra gente”, conta dona Ana. Maria Agostinho ainda acrescenta, “Chega não. Eu tenho certeza, porque eles mesmo disseram. Uns acreditam que sim, ‘Essa água é para o trabalhador’”.

Porém, dona Ana da Silva, que já viveu muitas batalhas, inclusive pelo direito à terra que hoje os moradores possuem, não esconde suas esperanças. “Se eu te disser que ainda tenho esperança de trabalhar com essa água? Eu tenho. Quando a água chegar vou aumentar meu plantio, faço uma inscrição, pago uma taxa e tiro um cano lá pra gente. Se chegar, vai melhorar muito pra gente. E a gente tiver acesso a essa água, né? Também ninguém sabe, porque tudo para o pobre é mais difícil”.



Camilo Santana, governador do Ceará, visitando a obra, em Missão Velha (Foto: Carlos Gibaja)

O Cinturão das Águas

O Cinturão das Águas faz parte do projeto da transposição do Rio São Francisco, sendo um sistema de canais que conduzirão a água do Velho Chico, por todo território do estado. A obra, planejada pela Secretaria de Recursos Hídricos (SRH), traz em sua justificativa reduzir a seca na região. Dividida em três etapas, tem 40 anos de previsão para ser concluída. De acordo com Estudo de Impactos

Ambientais e o Registro de Impactos Ambientais (EIA/RIMA), a previsão é de que só a primeira fase seja um canal com 149 km de extensão, indo da cidade de Jati até Nova Olinda. O primeiro trecho terá 30m de largura e mais 100m de margem em cada lado. De acordo com o documento, custará R\$ 1,6 bilhão e 127 famílias serão removidas.

Patrocínio:



Realização:

